REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 804

30 DE ABRIL DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva

CHRONICA OCCIDENTAL

Não me lembra agora quantas foram ao certo as pragas do Egypto: não menos de sete, nem mais de dez. O que sei é que o Pharaó viu-se grego, o que n'esse tempo era pouco para lisonjear.

No jardim da Europa á beira-mar plantado appareceram ultimamente os gafanhotos, recordando-nos o velho Egypto. Com certeza não é uma decima praga. Temos d'ir muito mais alto com a numeração, mesmo quando não quizermos mimosear com o lindo nome muita coisa que já nos não incommode, porque a ella andemos afeitos. Nem sequer o leproso ha de passar os dias a pensar na lepra. Vae-se coçando e talvez cantarolando para distrahir-se.

Se fossemos a fazer a relação das pragas, que todos os dias nos veem affligir, só o indice nos daria com que encher columnas. E o peor é que não ha meio facil de nos vermos livres, não bastando para isso as prelecções d'algum distincto agronomo, ou exercito armado de cacetes.

As pragas cahiram sobre o Egypto, porque no berço da civilisação portavam-se muito mal os homens, tyrannisando o povo de Deus. Mas sobre nós, a maior parte tem cahido exactamente pelo motivo contrario, porque somos boa gente, incapaz de nos revoltarmos, porque entre o ser cavallo e o ser cavalleiro, a minoria prefere ser burro. E a maioria não lhes conto nada, vae para a festa de burricada.

Elle é a praga dos syndicateiros, elle é a praga dos monopolistas, elle é a praga dos agiotas, elle é...

Mas para que continuar? Cada um sabe onde lhe doe e porque lhe doe.

O que apenas se deseja é que não appareçam mais.

Uma historia que depois mostraremos não vir a proposito:

No tempo em que as coisas e os animaes falavam, era uma vez um burro que andava pastando. Todo elle estava coberto de moscas, o que muito contristou uma alma boa, que ia passando e que, movida por um sentimento d'altruismo — vidé umas linhas atraz — chegou-se ao animalzinho e á bordoada poz em fuga os parasitas. E dizlhe o burro: — O' insensato, que me quizeste melhorar a sorte, que fizeste? Estas já estavam fartas, as outras que vierem trazem fome e são peores!

Esta logica do burro vae sendo a logica de muitos. Mas a historia não vinha a proposito, porque os moscardos cá da terra nunca estão fartos.

E depois d'isto e na certeza de que os ferrões aguçados hão de continuar a furar o coiro mais espesso, mais gafanhoto menos gafanhoto pareceนos que pouco importa. Até no Egypto, já que no Egypto falámos, não foram os gafanhotos os que mais actuaram nas resoluções do Pharaó. A grande praga afinal era elle mesmo e a sua gente. E essa acabou toda nas ondas do Mar Roxo, que sobre elles se fechou.

Quem ao lêr estas linhas não terá dito parodiando um poeta:

Pudesse uma so não contel-os todos...

Mas deixemo-nos de castellos no ar. O nosso amigo e distincto agronomo, Arthur Urbano de Castro, lá anda a tratar de dar cabo dos gafanhotos. E' a missão de S. Ex.ª. Dar cabo do resto das pragas não é questão de sciencia nem de tempo, mas da divina Providencia. Infelizmente o Mar Roxo ergue as ondas lá muito longe.

Os alemtejanos andam a contas com o terrivel insecto que lhes ameaça as searas, os algarvios, apanharam agora o susto d'um valente tremor de terra, que se fez sentir em todo o littoral, felizmente sem consequencias de maior seriedade.

Pelo resto de Portugal, a não serem as meningites, o que mais assusta é a questão das ordens religiosas, com a qual os animos não querem serenar, uns defendendo-as, accusados pelos contrarios de jesuitas na peor accepção da palavra, outros atacando-as e pelos contrarios accusados de liberaes, palavra a que dão um sentido quasi synonimo de precito.

O decreto que parecia ter sido elaborado para dar um certo socego ás duas partes, não contentou quasi ninguem. Ou tudo ou nada, parece querer ser o lemma que os dois partidos inscreveram em suas bandeiras.

Quem está fóra do jogo enxerga o lanço melhor, é velho ditado portuguez, citado por Luiz de Camões n'uma das suas comedias. E é que está certo. Ora quasi sempre ha quem esteja fóra do jogo. Só neste caso é que não. Um homem querer mostrar-se conciliador é lá coisa possivel! Je-

Heraclyto Aranha, *1.º tenente* — Duarte Huret de Bacellar, *Cap. de mar e guerra Commandante* — Adalberto Nunes, *2.º tenente* — Fernando Pinheiro, *1.º tenente*

OFFICIAES SUPERIORES DO CRUZADOR BRAZILEIRO «FLORIANO»

Vid. *Chronica Occidental*

suita! gritam-lhe uns. E os outros fazem-lhe considerações que o mortificam. Querer conciliar é mostrar mazella em que todos hão de bater. Os mordomos são de tal ordem, que não ha maneira de ser juiz, quer se escolha um cirio civil, quer o de Nossa Senhora do Cabo.

E cá vae uma historia, que tambem não vem nada a proposito. La Fontaine fez d'ella uma fabula.

Um homem viu uma ostra, outro apanhou-a primeiro. D'ahi contenda, qual dos dois a havia de comer. O juiz ouviu attentamente uma parte e outra e logo os conciliou. Comeu elle a ostra e deu uma casca a cada um.

Lá que os dois partidos, que, ha muitos mezes, combatem vigorosamente, apanharam uma má casca cada um, isso, pelo visto, está mais do que certo; agora que o juiz não comeu a ostra ou que, se a comeu, lhe fez mal, isso tambem nos parece indiscutivel.

Nas camaras não foi a questão levantada, apesar de dizer-se que o sr. José Luciano de Castro se incumbiria de fazel-o na Camara dos Pares. Assegura-se que desistiu do intento, que só poria em pratica no caso em que o sr. Hintze Ribeiro não considerasse assegurada a ordem publica no paiz.

Como assumpto politico tomou portanto a primazia o discurso do sr. João Franco, que, tecendo os maiores elogios ao actual ministro da guerra, impugnou no entanto o artigo 48.º do projecto de promoções no exercito.

E com seu discurso conseguiu, que, nos centros de reunião onde o assumpto politico domina, durante horas se falasse um pouco mais da attitude do distincto parlamentar em suas relações com seus antigos collegas e um pouco menos na attitude do sr. Patriarcha em S. Vicente.

Para o commum da humanidade o melhor derivativo da questão magna tem sido a estada no Tejo do couraçado brazileiro *Floriano*, a cuja officialidade Lisboa tem prestado as maximas provas de consideração.

Bailes, festas, espectaculos theatraes, passeios, por todas as formas se tem procurado demonstrar aos officiaes brazileiros quanto por nós é respeitada a bandeira amiga, que orgulhosa fluctua agora no céo azul de Portugal, e em quanta estima temos os nossos parentes, que se orgulham de falar a mesma lingua que nós, filhos como são de portuguezes.

Entre as mais bellas das festas citaremos o baile em casa do sr. Jacob Abecassis, a matinée no palacio dos srs. condes de Burnay, e o concerto nas salas da Sociedade de Geographia.

Lisboa, n'este principio de verão já somnolenta, animou-se agora.

Rey Collaço, Arbós e Rubio continuam nos seus concertos esplendidos. A sala do sr. Neuparth, junto aos seus armazens de musica na rua Nova do Almada, abriu-se para elles, que nos mimosearam com um bellissimo concerto, coadjuvados por duas senhoras, uma cantora distincta e uma harpista de valor as sr.as D. Angelina Valadin e Martinez Vieira.

No theatro D. Amelia estreou-se finalmente a companhia d'opera comica franceza, ha muito annunciada. Marietta Sully revelou-se artista de incontestavel merito, graciosissima. Em segunda recita deram-nos *A Bella Helena*, a famosa partitura de Offenbach, poema de Meilhec e Halévy, que tendo sido traduzida por Mendes Leal ha perto ou ha mais de trinta annos, aqui não agradou, apesar de sua muita graça e incontestavel valor musical. Era para nós quasi uma novidade. O exito foi o que era de esperar. A queda da peça no theatro da Trindade é que foi então uma surpreza para todos.

Abril continua a fazer caretas, por isso os theatros, livres de calor, vão por ora de vento em pôppa; mas o primeiro chapéo de palha, recolhido á pressa faz todos os esforços para sahir da gaveta. Já appareceram os morangos, não tardam as ginjas, e c'os diabos! o palhinhas tem razão de querer ir no domingo ao Reverte.

Veremos. As estações estão mudadas. O mundo está desgorgomelado, como dizia o Gil Vicente. N'um dia 21 de março, ha muitos annos, o Antonio Sottomaior vestiu-se todo de branco. Chovia a potes, a lama no Chiado era de palmo.

— Eu fiz a minha obrigação. Quem faltou foi ella.

Ella era a patifa da primavera.

João da Camara.

CONCESSÕES DE TERRENOS NO ULTRAMAR

Sr. presidente: — No ponto em que vae a discussão do projecto do governo ácerca das concessões no Ultramar, não usarei da palavra para o defender ou impugnar. Usarei d'ella tão apenas para o encarecer, associando o meu voto ao grande melhoramento publico, com que a actual situação politica deseja dotar o paiz.

Sr. presidente: — São de louvar os governos, quando, não limitando sua esphera de acção aos interesses partidarios, á lucta das paixões politicas, que, vencidas ou victoriosas, podem afastal-os ou conserval-os no poder; são de louvar, digo, quando se elevam acima das conveniencias do seu mando, ás culminancias onde se desdobram outros e mais largos horisontes; e ahi, lembrados das tradições do nosso povo, recordando sua historia, as causas da sua grandeza, as de sua depauperação ou decahimento; sabendo d'isto, e dos esforços de todos os partidos, e do que requer a opinião publica, não só a de Portugal, mas a da Europa inteira, — se abalançam á feitura de leis, que, em um momento dado, correspondem á maré grande das vontades, que são de homens, que pedem expansão para o seu trabalho, e campo para elle ser proveitoso na exploração da terra ou no dominio do commercio e das industrias.

As descobertas dos portuguezes, sr. presidente, fizeram a moderna civilisação, porque, trazendo á Europa as especiarias, os productos coloniaes, levaram á India, ao Cabo, á Australia, ao Brazil, ás Antilhas, ás ilhas do Oceano Indico, o commercio que estreita as relações dos povos. Deram ignorados elementos á sciencia, promovendo na vida das sociedades enorme revolução, uma epoca essencialmente positiva, a dos negocios, a das transacções, a do movimento economico, cujas leis e factores o ensino de hoje completou e vulgarisou.

Veiu d'ahi uma existencia nova: — as grandes fabricas, a larga concorrencia, a agglomeração do trabalho, e a accumulação dos productos, que em todas as industrias, e até na agricola (sirva de exemplo entre nós a industria vinicola) não tiveram immediata sahida; de onde resultou o esmorecer do capital e os braços inuteis, que foram accrescer á onda grande do proletariado.

Por isto, sr. presidente, todas as raças procuram hoje as regiões da Africa, e as vão civilisando, forçadas pelas necessidades publicas, e em nome do direito que teem os homens á vida.

Este direito á vida apparece já, phantasma pallido, mas imponente, no ultimo seculo. Em suas primeiras decadas, quando na maior festa, na maior alegria, no mais portentoso triumpho, quando tudo parecia sorrir, cantar, viver, na previsão de um futuro prospero, sentia-se alguma cousa que ao lado ameaçava formidanda; esse alguma cousa, ou era o canhão, ou era a revolução. Se as nações voltavam ao apaziguamento, é que ainda eram fortes as crenças, firmes os principios, grande o ideal que dava momentos de compasso á espera e á esperança. Um homem illustre, então adormecia as vontades, dedilhando uma lyra; um outro, pela magia da palavra, acalmava as multidões, subindo com o pensamento ás altas montanhas do ideal, de onde se contempla a Deus. As gerações, ao sopé d'essa serra erguida, escutavam com intimo consôlo as estrophes ou a palavra prestigiosa, que falava ao anceio da sua propria consciencia, a quem se promettia um retalho do empireo para a grande ancia de suas paixões.

Por vezes tambem, sr. presidente, n'essa epoca de grandes batalhas, de enormes acontecimentos, de profunda evolução, o drama tomava as proporções de um claro escuro gigantesco; porque, nas sombras que enchem o mundo dos vivos, via-se passar, gesticular, gritar o enorme exercito combatente dos miseraveis. São o côro activo do commovente drama do seculo XIX. Vêem-se; e são ainda mais fortes quando se escondem. Elles são a força, alguma cousa de poderoso como as leis eternas; elles são o *destino* da tragedia antiga.

Os pensadores, os grandes intellectuaes, que n'este seculo a historia evidenceia, são *marionnettes* nas mãos d'essa força, que se sente, e que se não domina. Todos lhe obedecem. Chama-se-lhe como se quizer. A melhor designação porque deveria ser conhecida, é esta palavra — *o inconsciente*; — ou antes, as lagrimas, os odios, os desesperos, todos os soffrimentos reunidos, formando mar.

Não houve até hoje na Europa governos que desconhecessem esta situação das cousas humanas; que é de hoje, que foi de hontem, que foi de todo o sempre. Uma tal situação trouxe em Roma, as leis agrarias, a colonisação então inaugurada, que deu terras á plebe, sendo sua primeira colonia fundada além dos mares, em Carthago; deu causa ás batalhas da meia edade, que só succediam por causa da partilha das terras; ás grandes guerras posteriores, que finalisaram com a cedencia de provincias inteiras.

E' hoje o problema em toda a Europa, que ha de ter colonias para poder assegurar a ordem e a legalidade nas suas metropoles.

Por isso, sr. presidente, a França depois de 1875 se abalança ás conquistas coloniaes, onde tem já agora 46 milhões de habitantes espalhados por vastos dominios na America, na Africa, na Asia, e na Oceania (colonias de exploração e não de povoação, porque só obedecem a este regimen a Algeria, a Tunisia e a Nova Caledonia); é, por isso, sr. presidente, que a Inglaterra domina na Asia, pela India e a Birmania; na Africa, pelo Egypto e a colonia do Cabo; na Oceania, pela Australia e a Nova Zelandia; na America do Norte, pelo Canadá; — é por isso que a Allemanha e a Belgica levam tambem pedaços da Africa, que vão chamando á sua posse, e á posse egualmente da civilisação.

E' n'estas circumstancias, sr. presidente; conhecedor das necessidades publicas; sabedor do pensamento politico geral, que domina hoje em todas as nações; e, como já o dizia em 1895 o ministro das colonias em França, — desejando garantir reservas para as luctas economicas do futuro, e ser mantenedor, como lhe cumpre, da integridade da nação portugueza, que não pode existir nem ser respeitada sem as suas provincias do Ultramar, e sem que ellas venham ao gremio civilisado, de que outros povos lhes dão o exemplo, — é n'estas circumstancias, repito, que o actual governo, apresenta a sua proposta de lei de concessões no Ultramar.

Já todos veem, sem mais, o alcance de um tal documento legislativo. E não cuido eu, que elle tenha sido invalidado nas pugnas parlamentares. E vou dizer a V. Ex.ª e á camara a razão porquê.

Ha n'este projecto do governo dois pontos essenciaes: — as grandes e as pequenas concessões, todas pelo aforamento (artigo 24 e seguintes da proposta).

Eu sei que os terrenos incultos podem ser concedidos pelo aforamento, arrendamento ou o regimen dos prasos da corôa. Mas o arrendamento ahi vem em certos casos e em determinadas provincias, tal como a India, por estar na tradição de seus habitantes, e para acautelar a soberania da nação (artigo 59); os prasos da corôa, taes como elles se entendem hoje, são grandes concessões. (Lá estabelece o artigo 78 o limite maximo de 50 mil hectares para cada circumscripção, e 25 mil na provincia da Guiné e em Timor — artigo 81).

Sei da excepção concedida a S. Thomé e Principe e a Cabo Verde; mas as circumstancias das duas provincias explicam de sobra a excepção, que, em verdade, não o é, porque obedece ás leis do paiz.

Assim, a regra geral que deduzi da proposta é esta: grandes e pequenas concessões, ou, por outra, — só aforamentos. E isto digo, pois nos proprios prasos da corôa ha para o arrendatario do *mussôco* a obrigação de aforar uma parcella do praso, proporcional ao numero de colonos, que o mesmo praso lhe póde fornecer (clausula d do artigo 4.º do decreto de 18 de Novembro de 1890); e tambem qualquer individuo póde aforar terrenos dentro da area dos prasos arrendados — (artigo 6.º do decreto de 1890).

Para combater, portanto, esta proposta de lei seria necessario impugnar os principios, ou antes, as bases que o governo adoptou, porque o resto da proposta, sr. presidente, não é senão regulamento. Atacar o regulamento, sendo tantos os alvitres, quantos os oradores que me precederam, não é invalidar a lei, pois só a *pratica* dirá qual a mais facil execução das disposições adoptadas; e o parlamento ainda tem homens, que possam, reformando, adaptar a lei ás necessidades publicas.

Pelo que esta proposta depois dos debates das camaras e da discussão da imprensa, ainda não recebeu ferida de que lhe viesse a morte. E, sr. presidente, a mim me parece que tal não podia succeder. O governo seguiu tão apenas as tradições da nossa gente, e seu elogio está, em que se póde affirmar que este projecto de lei é uma synthese do que se tem legislado, escripto, discutido e pensado em Portugal, ácerca de tão grave problema, como é o do regimen da propriedade no Ultramar.

Seguiu as tradições da nossa gente, isto é, seguiu as lições da experiencia.

Sr. presidente: — Quando na terra portucalense começou a nossa nacionalidade, era o paiz em peores circumstancias do que está hoje a Africa.

Todavia, graças ás leis agrarias adoptadas, surgiu de 500 mil habitantes a 5 milhões. N'esta terra portugueza haviam combatido os godos, os agarenos, a reacção contra os ismaelitas dos cavalleiros da Cruz. Era um paiz deserto, porque as successivas invasões, as batalhas successivas, tudo haviam saqueado e destruido. Em toda a area da terra, que então constituia o reino, só existia uma população de 500 mil habitantes!

Se foi epoca notavel essa do alvorecer de um povo, é certo foi egualmente trabalhada e difficil para a gente, a quem escaceava a terra, assolada pelo tropear dos ginetes de guerra, e a quem faltavam os braços, dizimados nos combates, queimadas e destruidas as povoações.

A tão grande abatimento, acudiu a partilha das terras. Os reis da primeira dynastia iniciaram o systema das doações, ou concessões, como agora se diz, e os aforamentos. Deram terras aos caudilhos, que mais os tinham auxiliado, contra os arabes e os de Hespanha; aos aventureiros de fóra, que lhes tinham dado o esforço do seu braço e da sua hoste; deram-nas ás communidades religiosas.

Começou então o regimen dos aforamentos. Foi proficuo; tão proficuo, que elle creou a nação portugueza. Ainda no seculo XVIII, dil-o Oliveira Martins, viajantes de outras nações se espantam deante da cultura e grande prosperidade dos vastos tratos de territorio extremenho, que os monges de Alcobaça haviam divido e aforado.

O regimen da emphiteuse com os aforamentos indivuaes, assim como no Minho, e os aforamentos collectivos, ou communs a determinado povo que repartia entre si os encargos, como em Traz-os-Montes, acudiu á cultura da terra. E porque escasseava a população, como já disse, os monarchas portuguezes chamaram gente de fóra, e com outra que veiu expontanea, crearam essa terra de nossos paes, onde muitos dos centros populosos que ora existem, foram constituidos por colonias de extrangeiros.

E, devemos observar, os terrenos aforados, logo que ficavam por cultivar, revertiam para o senhorio directo, — a corôa, o concelho, ou outro que fosse.

Mas tal medida poucas vezes se executou, pois o regimen dos aforamentos deu taes resultados, principalmente no Minho, que, no tempo de D. Manuel se torna necessario impedir que se rompam mais terrenos bravios, porque era já grande a falta de mattos, indispensaveis aos povoados.

Assim se formou, sr. presidente, a população do paiz, que ao começo da nossa nacionalidade era de 500 mil habitantes, e que á entrada do seculo XV era já de 1.500:000.

Tal foi o resultado d'aquelle movimento colonisador.

Certamente, n'esse paiz que então se formava, havia de acontecer o que sempre succede aos homens, e ás instituições em seus começos, — aquelles erros que só consegue desarreigar a lição do tempo. Faltava ahi a unidade do direito; pois, se os aforamentos eram da lei romana, as populações adventicias, todas do norte, haviam trazido o seu direito, que era germanico. Assim se combinaram o regimen emphiteutico com os emprasamentos do direito feudal, e não poucos encargos incidiram sobre os que cultivavam a terra.

(Continúa) *Conde de Valenças.*

Attendendo a nosso pedido, consentiu o sr. Conde de Valenças, que o seu discurso proferido na Camara dos Dignos Pares, ácerca das Concessões de Terrenos no Ultramar, fosse publicado em a nossa revista, antes de apparecer no *Diario das Camaras*. A parte que damos n'este numero é copia fiel das provas da Imprensa Nacional.

Agradecemos ao nosso illustre amigo tão subido favor, certos tambem de que nos hão-de agradecer os nossos leitores, que de ha muito conhecem a palavra viva e conceituosa do digno par do reino sr. conde de Valenças.

JULIO NEUPARTH

D'este se póde dizer que logo ao despontar da vida teve Euterpe a embalar-lhe o berço de recemnascido.

Neto de musico, filho do eminente fagottista Augusto Neuparth e sobrinho de Ernesto Wagner, portanto aparentado com os artistas notaveis que se chamaram Victor Wagner e Eduardo Wagner, Julio Neuparth não podia na infancia encontrar atmosphera mais favoravel ao desenvolvimento da sua organisação musical. Porque, d'entre os nossos musicos, não são muitos aquelles para quem a Natureza se tenha mostrado tão prodiga como para o artista, cuja biographia gostosamente estou traçando.

Quando acontece fallar-se d'artistas em que muito cedo se manifestaram decididas disposições para a musica, vem sempre a pello o nome de Saint-Saens, de quem se contam mil casos reveladores d'uma extraordinaria precocidade. E' notorio entre outros o da mãe do grande compositor quando este apenas tinha sete annos, dispôr todos os relogios de casa por fórma que dessem immediatamente uns após outros as doze horas do meio dia, isto para que o filho se entretivesse a comparar as differenças dos timbres e das vibrações dos sons dos diversos relogios, o que elle fazia com uma precisão espantosa.

Não tendo conhecido Julio Neuparth em tão verdes annos, sei todavia de boa fonte que muito cedo tambem se lhe evidenciou uma rara percepção musical, de que deixou memoria no Conservatorio, pois quando frequentei esse estabelecimento d'ensino, algumas vezes ouvi cital-a em varias palestras da indole da casa.

Quando mais tarde nos conhecemos, teria elle cerca de 16 annos, devia ser ahi por 1879, visto que Julio Neuparth nasceu em 1863, a 29 de março. Bom tempo esse, o de 1879, em que elle pela edade juvenil e porque a saude ainda com elle se não havia malquistado, era um dos principaes do grupo um tanto esturdio, composto na maioria d'estudantes de musica e d'amadores *en herbe* da mesma arte, que assentára arraiaes no armazem de musicas de Augusto Neuparth.

Outro que este fosse, *correria*, como então nós diziamos, com essa como que hoste de bohemios; mas como n'essa excellente creatura a grandeza do merito artistico rivalisasse com a da bondade de caracter, o estabelecimento continuou por muito tempo invadido pelo mesmo bando de rapazes, sem que Augusto Neuparth a isso se oppozesse.

Então, lá no interior do estabelecimento, quando cada um mostrava as suas habilidade musicaes, se a sessão era importante e entre os espectadores havia algum capaz d'apreciál-as, submettia-se o Julio a varias provas demonstrativas da finissima percepção do seu ouvido musical.

Uma d'ellas consistia em voltal-o de costas para um piano, onde absolutamente ao acaso e simultaneamente se faziam ouvir dez ou doze sons. Interrogado sobre quaes as teclas a que cada um d'elles pertencia, raro acontecia errar alguma.

E como esta muitas outras experiencias se faziam, todas tendentes a pôr em evidencia as invejaveis faculdades musicaes de Julio Neuparth. D'ahi o motivo por que seu pae tendo-lh'as cedo reconhecido o fez frequentar o Conservatorio, no qual concluiu em 1882 o curso de violino e d'onde mais tarde sahiu em 1884, depois de terminados com distincção os estudos theoricos, desde os rudimentos da musica até á parte complementar d'esses estudos com o contraponto, fuga e composição.

De 1879 a 1887, Julio Neuparth fez parte, como primeiro violino, da orchestra de S. Carlos. Tocou, portanto, durante esse periodo sob a direcção de Dalmau, Kuon e de Marino Mancinelli. Foi pouco antes de renunciar o seu logar d'executante que se tocou em S. Carlos a sua *Abertura* em *dó maior*. Mancinelli, que era pouco d'encomios, e que conhecia bem a composição, porquanto foi elle quem a dirigiu, teceu ao auctor rasgados elogios pelo seu trabalho.

Além d'essa *Abertura*, mais tarde dirigida por Steck e Victor Hussla, compoz Julio Neuparth para orchestra as seguintes peças:

Scherzo; Minuetto capricioso; Rêverie; L'orientale, suite de 3 numeros; e Paraphrase sobre uma canção portugueza. Tratando dos seus trabalhos para orchestra seria de grave injustiça esquecer o da instrumentação d'algumas operetas no que elle tem revelado uma habilidade e um tacto especiaes.

Afóra essas composições orchestraes, escreveu Julio Neuparth para instrumentos de cordas, um *quartetto* de estilo imitativo, em 4 andamentos, que conserva inedito; e *In memorium*, elegia para quartetto; — para violino e piano, *Sérénade exquise*; e *Alla mazurka*; — para canto, varias melodias, todas com lettra portugueza, porque o auctor, honra lhe seja, é dos compositores portuguezes que não consideram o nosso idioma tão avesso á musica, como muita gente imagina; — e para piano, diversas peças de salão que denunciam em Julio Neuparth um compositor elegante e nas quaes embora modesto seja o seu alcance artistico, a parte melodica se apresenta invariavelmente revestida d'um trabalho harmonico interessante e de sabor moderno.

Tambem na esphera, entre nós limitada, da pedagogia musical, a individualidade de J. Neuparth se tem imposto á consideração de todos que prezam a arte de Bach e de Beethoven. Foi o nosso biographado um dos professores que fundaram esse *Instituto musical*, que a despeito dos esforços de todos elles não logrou ter longa existencia; e a Julio Neuparth se devem ainda as traducções de varias obras didacticas, como os tratados de harmonia de Bazin e Durand e o tratado d'orchestração de Gevaert, no que prestou não pequeno serviço aos nossos artistas.

A sua actividade tem-se tambem affirmado no jornalismo musical.

Durante nove annos (1890-1898) tomou a seu cargo a redacção principal do *Amphion*, revista em cuja direcção elle deu provas d'uma tenacidade e d'uma energia pouco a esperar da sua franzina apparencia.

Convidado em 1893 a redigir a secção musical do *Diario de Noticias*, n'elle se conserva afinando as suas apreciações lyricas pelo diapasão da benevolencia tradiccional n'esse periodico em assumptos de critica theatral. Julio Neuparth fez parte do jury da secção musical da Exposição Industrial de 1888; e sendo nomeado professor provisorio da aula d'harmonia no Conservatorio em 1895, passou tres annos depois a occupar definitivamente esse logar. Profundamente conhecedor da materia, cujo ensino foi confiado á sua proficiencia, Julio Neuparth tem satisfeito plenamente as exigencias d'esse cargo na orientação moderna dada á cadeira que rege, e revelada tanto no tacto e na maneira methodica por que elle ministra esse ensino, como na adopção do tratado de E. Durand, muito mais d'accordo com as idéas de hoje sobre esse ramo de sciencia musical do que aquelle que ha muito tempo estava em vigor n'essa classe do Conservatorio.

Eis os titulos por que Julio Neuparth se tem mostrado por de mais merecedor da homenagem que o OCCIDENTE hoje lhe tributa, e mercê dos quaes elle tem sabido honrar o nome glorioso de seu pae.

Que os filhos de Julio Neuparth continuem mantendo as boas tradicções da familia, taes são os meus votos, e n'elles ponho os mais ardentes desejos de que se cumpram.

Ad. M.

AS NOSSAS GRAVURAS

A DRAGA «LOURENÇO MARQUES»

São gloriosas as tradições da marinha portugueza como outras não ha no mundo, e os tempos que tudo vão mudando, parece não modificarem o valor e coragem d'este povo, que hoje, como d'antes, não recua ante o perigo, e mais lhe sorri as empresas arriscadas.

Veem estas considerações a proposito da viagem da draga *Lourenço Marques*, de Lisboa até á costa d'Africa Oriental.

Essa viagem é um assombro da arte maritima, não só pela especie do barco, sem condições de navegabilidade, mas ainda pelos inconvenientes que resultam d'essas más condições, que maior torna o perigo de luctar com as tempestades nos mares.

Basta a succinta narração dos factos para mostrar toda a grandeza do feito.

No dia 17 de fevereiro de 1900 partiu de Lisboa a draga *Lourenço Marques*, sob o commando do 1.º tenente de marinha sr. Alberto Aprá. Logo á entrada no Oceano se sentiram os effeitos das más condições do barco para a navegação, pois, como se sabe, uma draga é destinada a levantar lodos do fundo do mar ou dos rios e não a fazer viagens longas, para o que lhe faltam todas as accommodações, tendo uma guarnição reduzida e abastecimento de viveres, carvão e provisões na mesma proporção.

Os temporaes obrigaram a successivas arribadas a Alicante, Cagliari e Suda, além dos portos de escala, para metter carvão. Estas arribadas imprevistas forçavam por vezes o commandante a demandar portos sem o auxilio das cartas maritimas, como aconteceu com a arribada á ilha de Creta, depois de uma noite tarmentosa na frente do cabo Spada. Depois de alguns dias de descanço em Port-Said, onde esteve reparando estragos da machina, entrou no Mar Vermelho, que levou quinze dias a atravessar, não sem grandes difficul-

dades e enorme trabalho da diminuta guarnição, soffrendo tres avarias na machina, em resultado do mau tempo, o que fez estar tres dias ao abrigo da ilha de Jebel-Zukur.

Na ilha de Perim teve a draga demora de dez dias para reparar as avarias soffridas, até que a 26 de abril seguiu para Zanzibar. Estavam reservadas, porém, novas provações ao commandante e guarnição da draga, pois que a cem milhas do cabo Guardafui, novas borrascas fizeram grossa avaria ao barco, que lhe inutilsaram completamente a machina.

Foi preciso navegar á vela com um redondo que se largou conforme poude, e assim demandou Aden, onde surgiu a 30 de abril.

Esta arribada foi a mais demorada, pois se estendeu por seis mezes em consequencia de em Adem não haver recursos para concerto da machina e ser preciso esperar que de Lisboa fossem certas peças para substituir as inutilisadas, o que só em fins de agosto se conseguiu.

Durante essa longa estada adoeceu boa parte da guarnição, fatigada por tão penosos trabalhos. Um machinista veiu para Lisboa doente e teve que se mandar outro a substituil-o.

Continuada a viagem em 22 de outubro, depois de feitos os reparos necessarios, lá foi a pobre draga, que não se fadára para taes aventuras, singrando até Zanzibar, onde chegou com 14 dias de viagem, que representavam outros tantos de trabalhos, em que tanto o pessoal da machina como o do convez se estenuaram de forças.

De Zanzibar a Moçambique lá foi mais

JULIO NEUPARTH

favoravelmente a barcaça, mas no canal de Moçambique novas provações esperavam os ousados mariantes e de tal ordem que o commandante Aprá teve de abrigar o barco na Beira, em Inhambane e na ilha de Bazaruto, onde ia occorrendo uma explosão na caldeira, que a coragem e denodo d'um chegador conseguio evitar.

Para que os perigos d'esta temeraria viagem acompanhassem os navegantes até o fim, aconteceu que a 20 milhas de distancia da Inhaca se vissem perdidos por espaço de 18 horas sob um temporal desfeito que ia deitando para a costa a pobre draga, quando parecia ter chegado ao termo da penosa peregrinação.

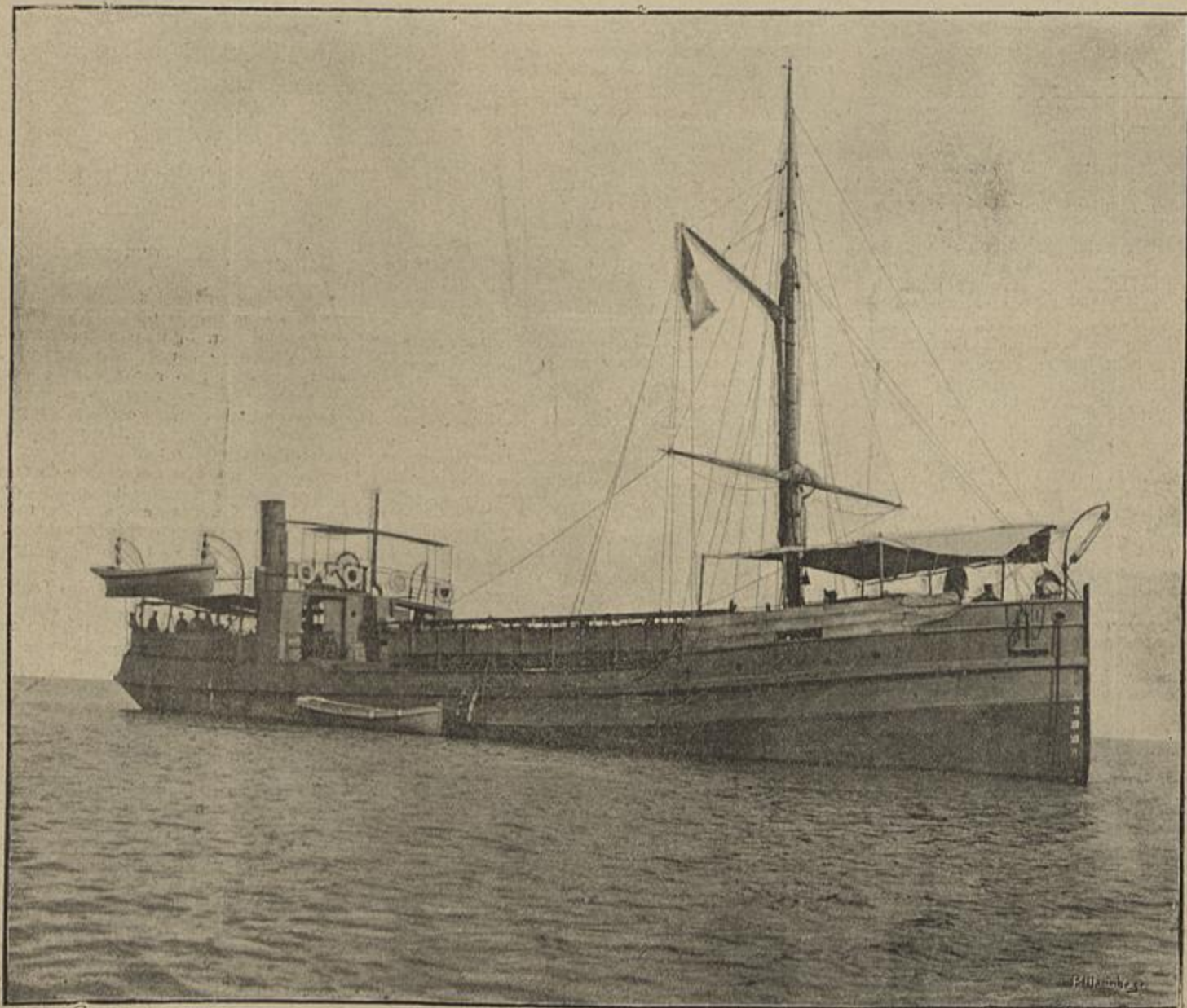
Emfim, a 14 de dezembro fundeou no porto de Lourenço Marques, tendo gasto na viagem uns 10 mezes, que foram 10 mezes de constante lucta.

Eis porque hoje, como em outras eras, a epopeia maritima d'este povo não desmerece e continua com a mesma coragem e denodo.

SCIENCIA MODERNA

XXX

DIMENSÕES DA CORÔA SOLAR

Durante muito tempo, foi o sol considerado como um globo espherico limitado por uma camada brilhante. A sua *photosphera* seria ou não envolvida, como todos os planetas, por uma atmosphera de densidade consideravel? Este facto durante muitos annos completa-

A DRAGA «LOURENÇO MARQUES»

O Real Theatro de S. Carlos

Scena do ultimo quadro do 4.º acto da opera *Aida*, de Verdi

Scena do 3.º acto da opera *Aida*, de Verdi — *Quadro do Nilo*

mente ignorado. Como é sabido, ha uma enorme difficuldade nas observações solares, em virtude do nosso nervo optico ser incapáz de supportar uma luz tão intensa. Para as observações se poderem fazer mais facilmente, é usual o emprego dos vidros fumados, mas com o auxilio d'estes é, por outro lado, impossivel o poder presencear no astro solar, uma camada atmospherica. Para isso, era necessario poder occultar o disco solar, impedindo ao mesmo tempo a penetração da luz no ar que nos cerca, o que equivale a dizer que a analyse d'este astro só facilmente pode ser feita em occasião de eclipse total do sol Foi exactamente, durante o eclipse total de 28 de maio ultimo, que se teve conhecimento da existencia de atmosphera n'esse astro.

Já em 1239, durante um eclipse, se reconhecia no sol a existencia da corôa e as protuberancias. Fallava-se d'estes termos de uma forma muito vaga, e, por conseguinte, nada de preciso, se indicava a tal respeito. Assim permaneceu a sciencia n'este estado de ignorancia até 1733, epoca em que Wasseunis teve occasião de presencear nitidamente protuberancias roseas de formas extremamente variaveis. Mas a difficuldade nas observações solares continuava persistindo, e era necessario esperar novamente outro eclipse para se poder adquirir conhecimento mais profundo a tal respeito. Foi o que Wassenius fez. Durante os eclipses que a seguir ao de 1733 tiveram logar, continuou Wassenius os seus estudos sobre a corôa solar e as protuberancias que n'esse astro se davam. Comtudo, coisa alguma nos poude dizer com relação á estructura da chromosphera, onde teem logares essas gigantescas erupções gasozas. Era necessaria, a solução d'este problema para por meio d'ella, podermos resolver varias outras questões relativas ao disco solar. Embora os eclipses do sol sejam mais frequentes do que os da lua, no emtanto, para um logar ou suas proximidades, succede perfeitamente o contrario, como já indicámos, quando nos referimos ao eclipse total de 28 de maio, nas columnas d'esta mesma revista. A facilidade de communicações de um ponto para o outro, não existindo, n'aquella epoca como hoje, ainda difficultava mais as soluções dos problemas propostos. A sciencia continuou, por conseguinte, sempre no mesms estado de retrocesso com relação a este assumpto.

Em 1868, porém, Jausen, durante o eclipse total observado n'aquelle anno, teve occasião de indicar um meio como facilmente se podiam vêr as protuberancias da chromosphera solar a qualquer hora do dia, servindo se para isso, do espectroscopio. A partir d'este momento, o apparecimento de um eclipse total começou a ser esperado com um pouco menos de anciedade, por parte dos astronomos, visto que já o espectroscopio lhes permittia, poder fazer as suas observações, sem que para isso fosse necessario o disco solar ser offuscado pela lua. Desde então as questões relativas aos phenomenos solares foram, successivamente, obtendo uma demonstração. Foi, por conseguinte notado que não era só a chromosphera, a unica camada envolvente do astro solar; mas tambem existia uma segunda atmosphera mais rarefeita do que a primeira envolvendo esta e prolongando-se a uma distancia muito além. Uma das questões que se pretendeu estudar durante o eclipse de 28 de maio foi qual o limite da corôa solar? Embora o espectroscopio nos servisse para estudar a chromosphera solar, no emtanto, este instrumento não era sufficiente para resolver esta questão ácerca do limite da corôa que a envolvia. O olho nú foi sufficiente para esta analyse. No dia em que o eclipse teve logar a corôa solar expandia-se a uma distancia equivalente a tres vezes e meia, o diametro do sol. Uns feixes luminosos semelhantes a umas compridas caudas, que outr'ora se suppunham ser devido ao simples facto de uma illuminação da nossa atmosphera, são hoje tidas como parte integrante do sol. A corôa, consoante as epocas de actividade solar, torna-se variavel, tendo os eclipses dado a conhecer algumas leis a tal respeito. Sabida a importancia da corôa sobre o ponto de vista da condensação da materia á superficie do sol, era necessario podermos estudal-a, do mesmo modo como as protuberancias, sem auxilio dos eclipses; no emtanto, tendo-se tentado esta operação nada se conseguiu. Era indispensavel recorrer a outros meios.

Sabe-se que não só os raios luminosos, mas tambem os calorificos são transmittidos ao nosso planeta, pelo sol e sua corôa. O estudo d'estes, poderá revelar-nos alguma cousa? Tal foi a conclusão a que chegou Deslandres em 1894. Com o auxilio do bolometro (pilha thermo-electrica de grande sensibilidade) poderiamos facilmente estudar esses raios, existentes na região infra-vermelha do aspecto solar. Para isso, bastava examinar as partes do céu perto do sol e notar os desvios correspondentes, com o auxilio de um oculo, munido de um bolometro. Reunindo os pontos de egual desvio por meio de uma curva, teriamos assim a topographia da corôa solar. Isto na theoria, parecia facillimo, mas praticamente não succedeu o mesmo. Já em 1895, Hale tentou fazel-o sem resultado.

Foi o eclipse de 1900 que veiu orientar as investigações bolometricas dando-lhe um ponto d'appoio.

Eis os resultados que Deslandes obteve na sua observação de 5 de outubro do anno passado.

Desvio no Polo. Norte 22,2 Sul 23,8. *Desvio no Equador* leste 28,6 oeste 28,8. As medidas foram effectuadas na direcção dos polos solares, depois á direita e esquerda do astro sobre o plano equatorial. A todas as horas do dia, os desvios no equador foram sempre superiores ao dos polos. Esta differença foi attribuida á corôa que actualmente tem a forma especial do minimo das manchas, e o ser esta mais intensa no equador do que nos polos.

Eis resolvido o problema de se poder observar com todo o descanço, não só as protuberancias como a corôa solar.

22-4-901.

Antonio A. O. Machado.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1891-1892

Continuação da crise monetaria — Agio do ouro — Difficuldades para a abertura do theatro — O governo continúa a auxiliar a empreza com recursos extraordinarios — Companhia lyrica de canto e baile — Operas que subiram á scena — Opera nova — *Cavalleria Rusticana*, de Mascagni — Crise theatral — A empreza impossibilitada de pagar aos artistas em ouro — Boatos que correm — O ministro das obras publicas João Franco Castello Branco entende que o governo não deve pagar a illuminação do theatro — O ministro da fazenda Marianno de Carvalho opina que o governo continue a auxiliar a empreza; prevalece esta opinião — Queda do ministerio — Organisação de novo ministerio presidido por José Dias Ferreira — Reducções de despezas e augmento de impostos — O governo não continua a dar subsidios extraordinarios, nem mesmo a luz electrica ao theatro de S. Carlos — A administração do theatro pede a sua demissão — Queda da empreza, ficando a dever 13 recitas aos assignantes, e a segunda quinzena de janeiro aos artistas — O governo vende o deposito da empreza para pagar aos artistas — Tentativas malogradas para continuarem as representações por conta dos artistas — Beneficios e concertos em S. Carlos — Artistas mais notaveis da companhia — Adalgisa Gabbi Adèle Borghi — Gabrielesco — Battistini — Suppressão do subsidio ordinario ao theatro de S. Carlos — Artigos do relatorio e decreto que se lhe referem — Principaes cantores portuguezes no mundo lyrico n'esta epocha — Grandes temporaes na costa de Portugal — Naufragios de pescadores — Subscripções e festas para acudir ás familias das victimas — *O Fausto* em S. Carlos pela companhia do Real Colyseu — Grande fiasco da luz electrica em S. Carlos; retirada dos espectadores ás escuras — O governo põe o theatro a concurso sem subsidio algum — Mudança de programma do concurso — A final apparecem concorrentes — Adjudicação do theatro a Freitas Brito & C.ª

Annunciou-se com maus auspicios a estação theatral de 1891-1892, que tinha de ser a ultima da empreza dos herdeiros de Valdez, que assim não conseguiu chegar ao fim do quinquennio.

Em consequencia do agio de ouro que já se havia elevado a 20 % e mais, os pagamentos a fazer aos artistas no estrangeiro eram sobrecarregados com aquella differença, que representava um onus importante para a empreza, para quem os lucros eram pequenos, e que só por uma administração zelosa, de abnegação e trabalho, conseguira, até então, algum beneficio para os seus tu telados.

Dizia-se mesmo, e propagava-se com insistencia, que se o governo não pagasse as differenças, o theatro não abriria n'este inverno: Mas o governo, que desde 1883 não cessara de auxiliar o theatro com subsidios extraordinarios de diversas especies, continuou a dar, e a prommetter, os meios de proseguirem os espectaculos, e o theatro poude abrir as suas portas ao publico na epocha propria.

Eis os nomes dos artistas da companhia lyrica do theatro de S. Carlos na opocha de 1891-1892.

Damas: Adalgisa Gabbi, Emma Zili, Olimpia Boronat, Renée Vidal (meio soprano), Adèle Borghi (meio soprano), Cesira Pagnoni (contralto), Aurelia Mastrobuono (segunda), Adele Gazull (comprimaria), Maria Arneiro, Rosina Golfieri (segunda).

Tenores: Gregorio Gabrielesco, Gioachino Bajo, Stanislao Mastrobuono (comprimario), Michele Durini (comprimario).

Barytonos: Mattia Battistini, Enrico Stinco Palermini, Giovanni Soldá, (comprimario), Affonso Rosa, (buffo), Luigi Visconti.

Baixos: Giovanni Tausini, Giuseppe Boldu, Antonio Ghidotti, (segundo).

Choreographo Rossi.

Bailarinas: Luigia Pallavicini, Amalia Agostini.

Maestros: Mancinelli, Whelis, Bonnafous (dos coros).

Scenographo: Luigi Manini.

Inaugurou-se a epocha lyrica de 1891-1892 com a opera *Aida*, a grandiosa composição de Verdi que desde 1878, anno em que pela primeira vez subiu á scena em S. Carlos, tantas vezes se tem repetido, com uma execução mais ou menos perfeita.

Deram-se n'esta epocha as seguintes operas:

Aida, de Verdi, em 29 de outubro de 1891, por Emma Zili, Renée Vidal, Gregorio Gabrielesco, Enrico Stinco Palermini, Luigi Visconti, Giuseppe Boldu, Michele Durini.

L'Africana, de Meyerbeer, por Adalgisa Gabbi, Olimpia Boronat. Adele Gazull, Gabrielesco, Parlermini, Luigi Visconti, Stanislao Mastrobuono, Giuseppe Boldu, Giovanni Soldá, Michele Durini, Antonio Ghidotti.

La Favorita, de Donizetti, em 4 de novembro, por Vidal, Mastrobuono, Gioachino Bajo, Mattia Battistini, Visconti, Durini.

Cavalleria Rusticana, de Mascagni, em 12 de novembro, por Gabbi, Pagnoni, Gabrielesco, Palermini, Aurelia Mastrobuono.

Lucia de Lammermoor, de Donizetti, em 12 de novembro, por Boronat, Mastrobuono, Bajo, Palermini, Boldu, Durini. (Foram só os 1.º e 3.º actos).

Rigoletto, de Verdi, em 19 de novembro, por Boronat, Pagnoni, Gazull, Rosina Golfieri, Bajo, Battistini, Visconti, Boldu, Durini, Soldá, Ghidotti.

Gli Ugonotti, de Meyerbeer, em 21 de novembro, por Gabbi, Boronat, Pagnoni, Aurelia Mastrobuono, Golfieri, Gabrielesco, Giovanni Tausini, Battistini, Visconti, Mastrobuono, Boldu, Soldá, Durini, Ghidotti.

Ernani, de Verdi, em 26 de novembro, por Zili, Gazull, Gabrielesco, Battistini, Tausini, Durini, Ghidotti.

Mefistofele, de Boito, em 1 de dezembro, por Zili, Pagnoni, Bajo, Tausini, Durini.

Fausto, de Gounod, em 10 de dezembro, por Maria Arneiro, Pagnoni, Aurelia Mastrobuono, Bajo, Palermini, Soldá, Tausini.

La Traviata, de Verdi, em 15 de dezembro, por Boronat, Gazull, Bajo, Battistini, Boldu, Soldá, Durini, Ghidotti.

Otello, de Verdi, em 26 de dezembro, por Gabbi, Pagnoni, Gabrielesco, Battistini, Mastrobuono, Visconti, Soldá, Durini, Ghidotti.

Carmen, de Bizet, em 5 de janeiro de 1892, por Adele Borghi, Boronat, Pagnoni, Gazull, Gabrielesco, Palermini, Affonso Rosa, Boldu, Soldá, Durini.

Linda di Chamounix, de Donizetti, em 12 de janeiro, por Boronat, Pagnoni, Gazull, Bajo, Battistini, Tausini, Affonso Rosa, Durini.

Mignon, d'Ambroise Thomás, em 20 de janeiro, por Borghi, Boronat, Pagnoni, Bajo, Tausini, Affonso Rosa, Soldá, Ghidotti.

Em 5 de dezembro de 1891 deu-se um baile ou *Divertissement*, de Rossi, por Luigia Palaviccini, Agostini, M. Palaviccini, e corpo de baile.

Entretanto continuava a crise monetaria que havia rebentado em maio de 1891; o agio das libras continuára a augmentar, chegando-se a vender a libra por 6$000 réis em notas, o que dava no pagamento aos artistas, em francos, mais de 30 % de augmento contra a empreza, a qual declarou ao governo que em taes condições não podia satisfazer os seus encargos. Alem d'isso dizia-se que o ministro das obras publicas, João Franco Castello Branco, entendia que não devia continuar a pagar as despezas de illuminação, a qual, desde 1886, era fornecida gratuitamente ás emprezas, sem que a isso o governo fosse obrigado! Essa despeza, incluindo o custo das machinas e apparelhos para a luz electrica, já excedia, de 1886 a 1892, a quantia de 145 000$000 réis! Mas não era só este o subsidio que illegalmente as emprezas ultimamente tinham recebido do governo, alem dos 25:000$000 réis annuaes a que tinham direito. Alem d'isso, por occasião da installação da luz electrica, em 1886, tinham os encarregados do governo, desmantelado o lustre e mais accessorios necessarios para a illuminação a gaz, com o fim, segundo se dizia, de não se poder de novo aproveitar o antigo material!

De modo que em lugar de se conservar, provisoriamente, o material da illuminação a gaz, para que, nos primeiros tempos, esta, promptamente pudesse substituir a electrica, quando qualquer

desarranjo se produzisse no material electrico, era o proprio governo que, pelos seus delegados, inutilisava material valioso e prejudicava a segurança da illuminação! E' mais um cumulo de desorganisação que, nas cousas do theatro lyrico, manifestava o governo proprietario do theatro de S. Carlos. Disse-se então que o antigo lustre de gaz fôra vendido por uma quantia irrisoria.

Se porém o ministro das obras publicas queria levar ao theatro de S. Carlos os côrtes, nas despezas do estado, que já applicára a outros serviços publicos, corria o boato de que não era da mesma opinião o ministro da fazenda, Marianno de Carvalho; e na verdade, quando os governos haviam dispendido tão largamente tantos centos de contos de réis, ás vezes com tão má applicação e com tanto desmazelo, e desperdicios, não era demais conceder alguns contos de réis ao theatro lyrico, do qual tanta gente vivia pelo seu trabalho. Afinal, por estas ou outras razões, o theatro continuou a ter luz gratuita e subsidio para funccionar.

São ephemeros, porém, os governos no actual regimen constitucional, em que a instabilidade é o seu predicado mais caracteristico.

Em 18 de janeiro de 1892 cahiu o ministerio, e subiu ao poder o gabinete presidido por José Dias Ferreira, cuja nota predominante, na apresentação, foi uma serie de reducções e côrtes nas despezas, e impostos sobre os funccionarios e sobre os juros da divida publica.

Em relação ao theatro de S. Carlos, o novo governo não só não quiz pagar as differenças dos cambios, nem dar subsidio pecuniario algum além dos 25:000$000 réis annuaes, mas nem mesmo quiz continuar a fornecer gratuitamente a luz electrica.

Estava chegado o periodo agudissimo da crise theatral; a empreza ainda tentou entrar em algum accordo com os artistas, propondo-lhes varias reducções, que porém não foram acceites; não querendo a empreza ceder á exigencia de garantir aos artistas o pagamento integral da 2.ª quinzena de janeiro, que aliás ainda não estava vencida, e que na verdade elles não tinham direito a exigir antes de tempo.

N'estas divergencias dirigiram-se alguns dos cantores ao governador civil pedindo aquella garantia, que a auctoridade administrativa não julgou dever nem poder assegurar.

N'esta conjunctura deram a sua demissão os administradores Machado e Mattos, a qual não foi acceite, por terem sido nomeados judicialmente na tutela dos filhos de Campos Valdez. Entretanto a empreza declarou não poder continuar com os espectaculos.

Houve então varias tentativas para continuar as representações por conta dos artistas, do maestro Mancinelli e da orchestra, mas sem resultado. Um dos embaraços era a obrigação de pagar a illuminação avaliada em 80$000 réis por noite. Finalmente, depois de muitas conferencias e muitas intrigas, sem que pudessem chegar a um accordo, os principaes artistas resolveram dar apenas 5 representações em beneficio dos côros, segundas partes, corpo de baile e orchestra, que foram realisadas com os seguintes espectaculos:

Em 2 de fevereiro, opera *Otello*.

Em 3 de fevereiro, *Linda di Chamounix* e *Divertissement*.

Em 4 de fevereiro, *Carmen*.

Em 6 de fevereiro, *Carmen*.

Em 7 de fevereiro, *Ugonotti*.

Em 16 de fevereiro houve um concerto em beneficio do camaroteiro Grillo e director de scena Magnani. A orchestra, dirigida por Victor Hussla, tocou a symphonia da opera *Si j'étais Roi*, d'Adam; *Ave Maria*, de Gounod; *valsa*, de Strauss, e a *marcha turca*, de Mozart. Taborda recitou a scena comica o *Tio Matheus*; tocou piano Rey Collaço, e bandolim Affonso Rosa; cantaram romanzas Renée Vidal e José d'Almeida.

Não podendo continuar a empreza, o governo fez vender o deposito de inscripções, que servia de caução, e com o producto pagou aos primeiros artistas o que se lhes devia até á ultima recita em que haviam cantado, sendo-lhes descontado (o que foi bem feito) os dias em que se recusaram a cantar; aos outros todos foi paga por inteiro a 2.ª quinzena de janeiro. Aos assignantes ficou a empreza a dever 13 recitas.

Tal foi o final desastroso da empreza dos herdeiros de Campos Valdez. Apesar de não satisfazer aos seus compromissos, e portanto quebrar, não lhe foi comtudo aberta fallencia no tribunal do commercio. Cousa analoga havia succedido á empreza Freitas Brito, em 1883.

Foram qualidades caracteristicas da administração que assim sossobrou, pelos effeitos da desastrosa e multipla crise que affligiu Portugal, uma grande abnegação e probidade. A abnegação do director technico, o illustre maestro Augusto Machado, foi tal que, durante a sua administração, não poz em scena nenhuma das suas operas, mas sim uma opera nova do maestro portuguez Freitas Gasul.

Na direcção technica tornou-se saliente o culto pelas composições do grande Meyerbeer; com effeito no periodo de 1889-1892 subiram á scena de S. Carlos muitas vezes, todas as principaes operas sd'este maestro; *Roberto-il-diavolo*, *Gli Ugonotti*, *Il Profeta*, *L'Africana*, *Dinorah* e *Stella del Nord*. Logo na 1.ª epocha, 1889-1890, se representaram cinco d'estas operas.

O maestro Jacob Meyerbeer nasceu em Berlim em 5 de setembro de 1791, e falleceu em Paris em 2 de maio de 1864, sem chegar a vêr representada a sua ultima opera *L'Africaine*. Era de origem israelita.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

FA SUSTENIDO

POR

Alphonse Karr

XIV

Como n'outro sitio já dissémos os suissos chamam-lhe *erva das perolas* e os botanicos *myosotis scorpioides*.

Ora agora aqui teem porque lhe chamam *vergiss mein nicht*, o que quer dizer *não me esqueças*. Por muito que possamos prejudicar o interesse da nossa historia, diremos que é das tradições mais interessantes que temos ouvido.

Em Mayença ha um tumulo — como o nome n'elle gravado já o tempo o apagou fica á disposição do primeiro morto que o pretenda; mas como é muito simples e nenhuma familia se poderia envaidecer atribuindo-o a qualquer de seus membros defuntos, a opinião geral deixa-o a um menestrel allemão, musico e poeta, de que nem mesmo se conservou o nome de familia.

Chamava-se Henreich; e como seus versos, de que não cremos haja copias, eram todos em louvor das mulheres e sobretudo d'uma certa Maria, chamavam-lhe *Henreich Frauenlob*, quer dizer poeta das mulheres. Quando partira pobre para percorrer a Allemanha em busca de fortuna, com seus rimances e talento, deixára em Mayença uma rapariga, que á sua espera acordava de noite muito pallida, quando trovejava, e resava por elle.

Passados tres annos, voltou rico e afamado. Muito antes que voltasse já Maria ouvia falar d'elle com louvor e admiração. E com nobre confiança, sabia que nem admirações nem louvores dariam ao amante tamanha felicidade e gloria como o primeiro olhar de quem, desde havia tanto tempo, o esperava.

Quando Henreich viu de longe o fumo das casas de Mayença, parou oppresso, sentou-se sobre um monticulo de erva verde e poz-se a cantar um canto simples e melancolico como a felicidade.

No dia seguinte, quasi ao sol posto, os sinos puzeram-se a repicar, annunciando o casamento de Henreich e de Maria para a primeira madrugada.

N'esse instante, andavam os dois passeando na alameda que corre ao longo do Rheno.

Um ao lado do outro, sentaram-se n'um tapete de musgo e passaram longos, fugitivos momentos, olhando-se, apertadas as mãos, sem uma palavra, tão intraduzivel por ella era o que lhes ia nas almas.

A tinta purpurina que o sol deixára no horizonte amarellecêra, empallidecêra; já as sombras caminhavam pelo céo do lado do oriente.

Perceberam que haviam de separar-se; mas Maria quiz uma recordação d'aquella linda tarde e apontou para as flôres azues da beira do rio.

Henreich comprehendeu-a, colheu as flôres, mas faltou-lhe um pé e desappareceu na agua. Duas vezes esta se agitou, elle reappareceu esbracejando, espumante, com os olhos fóra das orbitas — mas duas vezes a agua reconquistou sua preza.

Quiz gritar, mas a agua suffocava-o. Quando tornou a apparecer, volveu um ultimo olhar para a margem em que Maria estava e, deitando um braço de fóra, atirou-lhe com as flôres azues que a mão nervosamente contrahida, não largára; mas esse movimento fel-o mergulhar: desappareceu. A agua retomou seu curso e o rio ficou liso como um espelho. Assim morreu Henreich Frauenlob.

Maria morreu solteira n'uma communidade religiosa.

O eloquente adeus de Henreich foi traduzido e a florinha azul chamaram-lhe *vergiss mein nicht*, quer dizer, *não me esqueças*.

XV

Construida a casa de Branca, por maior exactidão que se procurasse, ficou nova de mais, com as paredes muito brancas, e o colmo não estava, como na outra, coberto por um lindo musgo verde e pardo, onde cresciam iris roxos.

O jardineiro avisou officialmente Conrado que não deveria passear sobre a relva ingleza.

Chegado abril, em vez de malmequeres brancos desabroxaram margaridas côr de rosa e dobradas.

O jardineiro tambem havia plantado uma variedade de pilriteiros com flores dobradas e *sem espinhos*, que, triumphantemente quiz que o Barão admirasse nos primeiros dias de maio.

Uma tesoira sabia havia podado as aveleiras em feitio de bola.

Em junho floresceram flores côr de rosa e brancas, amarellas e roxas, mas nem uma só azul. O que é vulgar no campo pareceria vulgar de mais no jardim do sr. Barão.

— Onde o tempo, pensava elle, em que caminhava sobre a erva, sem me lembrar que poderiam meus passos fanal-a, em que pedia á natureza que fornecesse tapetes verdes?

Hoje para achar as mesmas lindas flôres, teria que ir pelo sol procural-as ao campo e achar uma cabeça loira para com ellas a coroar.

Como diabo quer elle que um pilriteiro de flôres dobradas e sem espinhos me recorde aquelle que tingi de meu sangue?

Abandonou o jardim ao jardineiro.

Um dia encontrou-se com uma velha; era a tia de Branca. Não o reconheceu ella; mas levava um velho lenço azul que pertencêra á sobrinha; trocou-o com Krumpholtz por uma bolsa cheia de oiro.

Fechou o lenço no gabinete. Era mais chegada aquella lembrança, mais intima, não passára por outras mãos antes de chegar ás d'elle. Mas ao cabo de certo tempo, o habito fez com que a lembrança lhe não fizesse maior effeito que uma chicara de porcelana ou um castiçal cinzelado.

Conrado nunca se vira tão desgraçado.

Até áquella experiencia só perdêra o objecto de suas sensações, se teria agora perdido a faculdade de sentir?

Teve vontade de dar um tiro nos miolos.

E' proposta que cada qual faz a si mesmo vulgarmente, de modo leviano.

Por isso se goza por alguns dias agradavelmente a vida quando se achou pretexto plausivel para outro partido.

Krumpholtz lembrou-se d'uma cantiga que tinha ouvido cantar a Branca.

XVI

Bella e divina coisa a musica!

O' musicos, filhos queridos do céo, curvem perante vós as frontes pintores e poetas, pois que a musica é a lingua do céo; lingua misteriosa que gostamos de ouvir, vaga e misteriosa como é, como nos agrada ouvir uma doce lingua estrangeira na bocca d'uma mulher. No ponto onde pára o genio do pintor, onde o poeta apenas tem sensações confusas que não sabe exprimir, palavras que lhe requeimam o peito sem que possam sahir com uma forma humana, onde a poesia pára, começa a musica.

Krumpholtz tornou a achar todas as suas lembranças e sensações; tornou aos seus desoito annos, á saude e ao vigor d'alma e corpo.

Recordando-se da cantiga, teve uma surpreza feliz como a do viajante que, com seu páo ferrado, custosamente trepando ás geleiras altissimas, chega a uma altura em que só vegeta o musgo: sobe ainda e o proprio musgo desapparece; por toda a parte a neve branca como uma mortalha; mas derepente ergue-se do seio da neve um arbusto de verde vivo, coroado por flores côr de rosa: é o *alpen-rose*, é a rosa dos Alpes.

XVII

Mas Krumpholtz só se lembrava d'um pedaço da cantiga, e, por mais esforços que fizesse, não houve meio de lhe lembrar nem mais uma sonota.

Cem vezes por dia cantava aquelle bocadinho. Lendo, comendo, conversando, cantarolava sempre os mesmos compassos, quer para renovar a sensação que lhe trouxera a cantiga, quer na esperança de lhe encontrar o final. Por vezes pareceu-lhe que o compasso seguinte lhe roçava pelos labios ou murmurava em seus ouvidos; mas, mal o queria articular, nada mais via, e cincoenta vezes a fio cantava:

Ao Rheno, ao Rheno, ali são nossas vinhas!
Ao Rheno vamos já, ao Rheno vamos já!
A vinha...

E quedava-se.

Foi procurar a tia de Branca; mas estava surda de todo. Toda uma semana chamou quantos barqueiros e vinhateiros viu, cantou lhes o que sabia e pediu lhes que lhe cantassem o resto.

No fim da semana todos o davam por doido.

(Continúa.)

NECROLOGIA

O MAESTRO MANOEL AUGUSTO GASPAR

O notavel mestre da banda da guarda municipal, Manoel Augusto Gaspar, falleceu no dia 13 do corrente, no *chalet* Guida, no Dafundo, para onde fôra procurar alivios á doença que por fim o victimou.

Manoel Augusto Gaspar nasceu em Angra do Heroismo por 1843 e desde os 25 annos que serviu no exercito como musico militar.

Regeu a banda do regimento de infanteria n.º 5, que a esse tempo pertencia á guarnição do Porto e com aquelle regimento elle veiu para Lisboa.

E' n'esta capital que elle principiou a notabilisar-se, tendo passado para a banda da guarda municipal, onde todos o conhecemos, revelando os grandes dotes musicaes que o distinguiam, e fizeram d'aquella banda a primeira do paiz, reconhecida por nacionaes e estrangeiros, pois que foi justamente apreciada e applaudida nos certamens a que concorreu fóra de Portugal.

São muitas as composições do maestro Gaspar, e instrumentações em que era eximio, para que tinha especial gosto.

Como executante todos os instrumentos lhe eram familiares, mas especialmente a trompa, em que figurou muitos annos na orchestra de S. Carlos, de modo superior. Dirigiu tambem o sexteto *Gaspar*, do theatro de D. Maria, composto de distinctos professores.

Foi por varias vezes ao estrangeiro adquirir instrumentos para a banda da guarda municipal e nenhuma outra os tem mais modernos e aperfeiçoados.

O seu talento musical não o envaidecia para com os seus subordinados, a quem elle chamava os seus queridos musifios, e todos o estimavam como amigo e mestre.

O maestro Gaspar era quem instrumentava as composições do notavel amador visconde de Oliveira Duarte, composições que sempre mereceram o applauso do publico.

A convite do rei Kalakana I, das Ilhas Sandwich, compoz o hymno nacional d'quelle paiz, pelo que o rei lhe conferiu a Ordem de Merito.

Tinha o talento e a paixão da musica e foi com toda a justiça que o governo o distinguiu com o habito de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico. Tinha tambem o habito de Isabel a Catholica, de Hespanha, e a medalha militar de comportamento exemplar.

JOAQUIM AUGUSTO D'OLIVEIRA
FALLECIDO EM 30 DE MARÇO DE 1901

O MAESTRO MANUEL AUGUSTO GASPAR
FALLECIDO EM 13 DO CORRENTE

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

Mettia pena vel-o ultimamente, perseguido por uma horrivel doença nervosa, a cambalear por essas ruas.

Muitos já o não conheciam. Pois havia tido seus triumphos, suas noites de gloria; fôra seu nome dos mais falados em Lisboa, no mundo dos bastidores. Deveram-lhe muito os emprezarios, cujos cofres encheu; o publico que enchia as platéas muita vez o chamou á scena.

Pobre Oliveira das magicas! Traduzindo, imitando, compondo, conhecendo bem o gosto das platéas populares, dedicou ao theatro as horas que lhe deixava livres o logar que exercia de guarda-livros na Companhia Bonança.

Quem nunca ouviu falar do exito maravilhoso da *Corôa de Carlos Magno?* Quem não viu nas suas *reprises* as magicas famosas *A Gata Borralheira*, *A Lenda do Rei de Granada?*

Joaquim Augusto de Oliveira nasceu em Lisboa a 22 de janeiro de 1827. Estreou-se em 1853 no theatro do Gymnasio com uma comedia n'um acto, *A Somnambula sem o ser.*

No velho theatro do Salitre, hoje demolido, representaram se a maior parte das peças que Oliveira compoz com fecundidade extraordinaria.

O velho conde de Farrobo foi muito amigo d'elle e encommendou-lhe para o theatro das Laranjeiras uma peça, *A Filha bem guardada.*

Teve seus tempos de gloria o pobre Oliveira das magicas! Por isso mais dó nos fazia ver a que miseria a doença e a velhice o haviam arrastado.

Eis a lista vastissimas de suas peças: *A filha bem guardada, Olho Vivo, companhia de seguros contra a peneira nos olhos, O bloqueio de Sebastopol, As criadas, Util e agradavel, Izidoro, o vaqueiro, A loteria do Diabo,* em collaboração com Francisco Palha, *Revista de 1850, As corôas de louro, A corôa de Carlos Magno, A Gata Borralheira, A Princeza dos Ares, Lenda do Rei de Granada, O opio e o Champagne, Motheus, o gageiro, A criada ama, Gloria e amor, Ave do Paraizo, O Paraizo Perdido, A costureira, Erros da mocidade, O Lago Kilerney, A favorita do rei, O naufragio da fragata Meduza, A ramalheteira, O imperio das saias, Os operarios, A dama dos cravos brancos, O exemplar dos maridos. Os pretendentes de minha mulher, Fraquezas humanas... Quem o alheio veste... Má cara, bom coração, A filha de Tulipatan, O crbo da caçarola, Cartas do conde-duque, Moura encantada, Festejos reaes, Lampada maravilhosa.*